

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES  
CURSO DE PEDAGOGIA

**ERA UMA VEZ... A ARTE DE CONTAR UMA HISTÓRIA**

Emily Cornelius

Lajeado, Junho de 2016

Emily Cornelius

**ERA UMA VEZ... A ARTE DE CONTAR UMA HISTÓRIA**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, na linha de formação específica em Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Grasiela Kieling Bublitz

Lajeado, Junho de 2016.

*De repente, os homens atravessaram o tempo, por túneis, pirâmides,  
caravanas, mares e espelhos. E trouxeram histórias nas linhas das  
mãos.*

*Celso Sisto (2012)*

## **A PERFORMANCE DO PROFESSOR CONTADOR DE HISTÓRIAS**

**Resumo:** A contação de histórias é considerada uma forma de arte e consiste em um processo, que envolve a escolha da narrativa por parte do contador, a preparação da sua performance e os recursos utilizados por ele. O presente trabalho, baseado em uma pesquisa qualitativa, tem como objetivo investigar como a contação de histórias está inserida no contexto da Educação Infantil. Para tal, tomou-se como referência o levantamento bibliográfico e o levantamento de dados, obtidos por meio da observação de contações de histórias e da análise de um questionário sobre a inserção dessas narrativas nas práticas escolares. Participaram da pesquisa professoras atuantes em uma escola da rede privada, desde o berçário até a pré-escola. A bibliografia utilizada e a análise da pesquisa revelaram que as educadoras compreendem a contação de histórias como um processo, que depende do conhecimento prévio da narrativa a ser contada, da utilização de materiais e recursos e de outros fatores, que despertem o interesse dos alunos, possibilitando que eles perpassem uma aventura imaginária diante da performance do educador.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Performance. Contador.

## **STORYTELLING TEACHER'S PERFORMANCE**

**Abstract:** The storytelling is considered an art form and is a process that involves choosing the narrative by the teller, the preparation of his performance and the resources used by him. The present study is based on a qualitative research, and the purpose of it is to investigate as the storytelling is inserted in the context of Children Education. To this end, it was used as reference the bibliographic research and data search obtained through storytelling observation and analysis of a questionnaire on the inclusion of these narratives in school practices. The participants were teachers of a private school, since nursery to preschool. The bibliography used and the analysis of the survey revealed that educators understand the storytelling as a process, which depends on prior knowledge of the story to be told, use of materials and resources and other factors that arouse students' interest, enabling them to cut across an imaginary adventure on the educator's performance.

**Keywords:** Storytelling. Performance. Teller.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	08
2.1 Literatura infantil: breves considerações.....	08
2.2 Algumas concepções sobre contar e ler uma história e as habilidades que o professor deve ter ao contá-las .....	11
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	17
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS.....	18
4.1 Observação hora do conto no Berçário.....	18
4.1.2 Observação hora do conto no Nível 2.....	19
4.1.3 Observação da hora do conto no Nível 3.....	20
4.1.4 Observação da hora do conto no Nível 4.....	21
4.1.5 Observação da hora do conto no Nível 5.....	22
4.2 Análise dos questionários.....	24
4.2.1 Primeira questão: O que você entende por contação de histórias?.....	24
4.2.2 Segunda questão: Em quais situações do seu planejamento você utiliza a contação de histórias?.....	26
4.2.3 Terceira questão: Quais os recursos e as ferramentas que você costuma utilizar no momento de narrar uma história?.....	28
4.2.4 Quarta questão: Você costuma representar os personagens das histórias que conta? Como?.....	30
5 CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
APÊNDICES.....	35

## 1. INTRODUÇÃO

A contação de histórias faz parte da necessidade natural de expressão do homem, sendo ela uma das práticas mais antigas das quais se tem notícia. O hábito de narrar histórias existe há vários anos e, com o decorrer do tempo, o indivíduo passou a conceituar a narração de histórias como arte literária.

Atualmente, as histórias estão incorporadas ao planejamento pedagógico do professor, que as utiliza muitas vezes como uma ferramenta para oportunizar o saber e o aprender. Além disso, as contações permitem um prazeroso momento de fruição e imaginação, o que exige uma determinada performance do contador, a fim de que consiga despertar nos ouvintes diferentes sensações.

Para que o processo de contação de história se concretize, muitos fatores são importantes: a escolha do livro e/ou história, o planejamento, os recursos utilizados, a preparação e a performance do contador, que interferem diretamente na reação dos alunos.

Ao contar uma história, o professor deve estar disposto a criar um clima de cumplicidade, entre a história que será contada e os seus ouvintes, proporcionando um momento de envolvimento à criança. Além disso, o contador pode também incorporar elementos na contação, como originalidade, surpresa e expressividade, pois estará levando o espectador infantil a abrir as portas da sua imaginação para um mundo mágico e maravilhoso, repleto de carinho, ternura e suspense.

Destaca-se que o ingresso no universo literário pode ocorrer de diversas maneiras ou perder-se ao longo da vida estudantil. Há aqueles leitores que descobrem na infância, junto aos pais e professores o prazer em ter consigo um livro, em descobrir novas palavras, um mundo encantado. Ao contrário do que vários leitores pensam o prazer pela leitura sempre

recebe um incentivador direto ou indireto, desde o avô que lê o jornal todos os domingos, o irmão mais velho que passa horas encantado com gibis ou o professor, que muitas vezes cativa o aluno ao contar uma história, provocando nele o gosto pela literatura.

Despertar a paixão pela leitura requer a habilidade de tocar através da contação de história os pequenos futuros ou já leitores. Essa é uma responsabilidade que cabe aos pais e professores responsáveis pela educação e desenvolvimento do aprendiz, mas o professor tem o poder de influenciar pelo conhecimento que ele tem das técnicas de contação e afins, considerando que é na escola que a criança permanece em grande parte do seu tempo.

Despertar prazer, aguçar a curiosidade, relaxar, investigar ou descobrir novos mundos também são despertados diante de uma boa contação de histórias realizada pelo professor. O estímulo que ele dará aos seus alunos é fundamental para que, desde cedo, a criança se interesse pelo mundo da literatura.

Nesse sentido, a temática desse trabalho consiste em investigar como a contação de histórias está inserida no contexto da Educação Infantil. Para tanto, a metodologia utilizada no presente estudo consiste na aplicação de um questionário sobre o assunto, aplicado a professoras da Educação Infantil de uma escola particular do município de Lajeado, desde o berçário até a pré-escola. Além do questionário, a pesquisadora também relata as observações de alguns momentos de hora do conto observadas por ela.

Busca-se, assim, refletir sobre a performance do professor contador de histórias, observar a inserção dessa contação de história no planejamento do professor e verificar as reações expressas pelos alunos enquanto a professora conta a história. Tais objetivos estão baseados nas seguintes hipóteses: o professor de Educação Infantil utiliza recursos variados nos momentos de contar história aos alunos? O professor planeja seus momentos de contações de histórias? Qual o objetivo do professor ao contar histórias? Com que frequência há contação de histórias na Educação Infantil?

Tais objetivos estão baseados nas seguintes hipóteses: o professor de Educação Infantil utiliza recursos variados nos momentos de contar história aos alunos, o professor planeja seus momentos de contações de histórias de acordo com as demais atividades em desenvolvimento com a turma, e o professor conta regularmente histórias aos alunos, sendo que os objetivos de cada momento são claros e determinados.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Literatura infantil: breves considerações

“Era uma vez...” Quem não sente uma certa curiosidade ao ouvir essa célebre frase? Esse é o clássico início dos contos infantis que coloca o ouvinte em estado de ansiedade e curiosidade. Quando o “Era uma vez...” é complementado por “em um lugar muito distante” a imaginação dos pequenos ouvintes é despertada ainda mais, e dá-se início a uma viagem de prazer e emoção, que mexe com o corpo e mente.

Sentados, deitados, em casa, na escola, seja onde for e como for. Basta alguém soletrar essas palavras e parece que tudo que está ao redor para, ou seja, a atenção volta-se a quem pronunciou as mágicas palavras, levando os ouvintes a embarcarem em uma viagem de muitas aventuras, mistérios, conflitos e finais felizes.

Princesas, príncipes, castelos, bruxas, monstros, tempestades, piratas, vilões e super-heróis. Esses e muitos outros personagens fazem parte de uma vasta gama de narrativas, lidas em todos os lugares do mundo, que se adaptam conforme a localidade e a cultura a qual estão inseridas.

As histórias fazem parte do cotidiano do ser humano, principalmente do universo das crianças inseridas no ambiente escolar, que se deparam com narrativas lidas e contadas todos os dias, seja pelo professor, seja pelas próprias crianças. Atualmente, as contações foram incorporadas ao planejamento do professor, que as utiliza como uma ferramenta pedagógica que oportuniza o saber e o aprender.

Em mundo globalizado e midiático, onde muitas informações são digitais, percebe-se a importância de inserir a leitura e a contação de histórias desde cedo na rotina das crianças, considerando a sua importância em todos os aspectos do seu desenvolvimento. Vale ressaltar

também que uma criança de 4 meses que manipula um livro, normalmente os de banho, já está iniciando o seu processo de alfabetização e construindo o seu gosto pela leitura, que será desenvolvido conforme os estímulos que ela receberá.

De acordo com a literatura estudada é possível afirmar que não existe uma só criança que não goste de ouvir histórias. Elas são capazes de tornar cada um em alguém capaz de viver, sentir e de olhar o mundo, tanto de uma forma mais fantasiosa, como de uma forma mais racional e, até mesmo, crítica. Além disso, as histórias transmitem valores que perpassam a vida de cada ouvinte, e são repassados a outros, assim possibilitando uma viagem a tempos passados e/ou a tempos futuros.

Quando conta-se uma história e observam-se as crianças que estão ouvindo, percebe-se uma diversidade de reações e sensações, expressas pela fisionomia das crianças. Feições melancólicas, assustadas, frustradas, alegres, surpresas, corpos paralisados, dedos que se mexem como em um “tique nervoso”. Isso tudo representa o que sentem e pode ser considerado o resultado do trabalho performático do professor. Afinal, uma das gratificações de um professor ao contar uma história encontra-se na singela fala dos alunos “Profe, conta mais uma?”.

Inicialmente, no âmbito educacional, as histórias serviam apenas para a distração das crianças. Mais tarde, quando iniciaram-se as primeiras ideias e concepções sobre a infância, foi possível perceber a sua significativa importância para o desenvolvimento cognitivo das crianças, já que interferem diretamente no seu inconsciente e subconsciente, devido a relação que estabelecem com o mundo imaginário. Além disso, estimulam as crianças a desenvolverem ideias e pensamentos críticos a cerca do cotidiano e da vida em sociedade.

Conforme Garcia e Facincani (s/d), no início do século XVIII a literatura começou a se delinear na Europa com a publicação de Contos da Mamãe Gansa de Charles Perrault, em 1697. Antes disso, não se tinha a preocupação em escrever histórias para crianças, já que a concepção de infância ainda não existia e elas eram apenas mini-adultos. No momento em que surgiram as preocupações sociais com o ser criança, as concepções se modificaram gradativamente e a criança passou a ter um novo papel na sociedade.

Com o novo papel da criança na sociedade surgiram artefatos culturais e industriais, como a produção de brinquedos e de livros, sendo que suas narrativas deveriam promover o desenvolvimento da criança. Naquela época também surgiram estudos voltados à psicologia

infantil e a pedagogia, que perceberam e promoveram um gradativo movimento no aspecto lúdico da literatura.

Segundo os autores citados, no Brasil, a literatura infanto - juvenil recebeu algumas adaptações europeias como *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen*(1891), pois foi a partir do século XX que a literatura infantil se consolidou no Brasil. Assim, ela veio a contribuir na formação do aluno como futuro cidadão e indivíduo de bons sentimentos.

Cabe ressaltar que infelizmente instalou-se uma crise de leitura no Brasil, que perdurou até meados dos anos de 1970. O advento da televisão pode ser considerado um dos fatores para tal crise, porém não se pode atribuí-la somente a esse fato, já que o movimento de leitura nessa época não era tão significativo. A partir dessa década, surgiram propostas de renovação da literatura brasileira e foram promovidos seminários, encontros e congressos a respeito do assunto. Os resultados apareceram através da ascensão da literatura, manifestada na venda de livros infantis, sem precedentes e na proliferação de associações voltadas ao incentivo da leitura.

Uma das áreas de pesquisa bem discutidas é sobre o gosto pela leitura. Discute-se sobre o quanto o gosto pela leitura teria ou não sido substituído pelas novas tecnologias de informação e comunicação, bem como também o quanto a literatura deve instruir ou divertir as crianças. Sem dúvidas, a contação de histórias é considerada uma estratégia para inserir na criança o gosto pela leitura, sendo ela uma atividade generalizada nos espaços educativos, desde o berçário até os anos finais.

Existe uma gama de livros produzidos para crianças e adolescentes, cujo principal objetivo é o lucro rápido e falta de compromisso com valores literários e artísticos. Algumas obras costumam repetir clichês, tornam-se estereótipos e banalizam temáticas complexas. Por isso, se faz necessária a atenção do educador, que deve orientar os seus alunos no momento de escolher uma obra literária para a realização de uma leitura.

Conforme Aguiar (2001),“o livro infantil, enquanto modalidade artística, possui as características estéticas que envolvem a literatura de uma forma geral. O adjetivo que o especifica não diminui seu valor, nem significa perda de qualidade” (AGUIAR, 2001,p.16). Vale considerar também que, do mesmo modo que é importante a orientação do professor na escolha do livro por parte do aluno, também é notável a escolha que o educador fará diante de

obras utilizadas em contações de histórias, principalmente com alunos não alfabetizados, que irão extrair todas as sensações e impressões da contação que o professor fará.

## **2.2 Algumas concepções sobre contar e ler uma história e as habilidades que o professor deve ter ao contá-las.**

Levando em consideração a diferença entre contar e ler uma história, é necessário refletir sobre qual é a melhor maneira de se transmitir um conto e as características de contador e de um leitor de histórias.

A arte do contador, segundo Matos e Sorsy (2007), envolve expressões corporais, improvisações, interpretações e interações com os ouvintes. Já o leitor apenas empresta a sua voz ao texto, podendo utilizar recursos vocais para que a leitura se torne mais atraente ao ouvinte. Porém, ele não recria o texto, não pode interferir sobre o estilo literário da obra.

Ainda conforme Matos e Sorsy (2007,p.9)

O grande segredo dos bons contadores de história está na perfeita assimilação daquilo que pretende contar. Assimilação no sentido de apropriação. Apropriar-se de uma história é processá-la no interior de si mesmo. É deixar-se impregnar de tal forma por ela que todos os sentidos possam ser aguçados e que todo o corpo possa naturalmente comunicá-la pelos gestos, expressões faciais e corporais, entonação de voz, etc. (MATOS e SORSY, 2007,p.9).

Vale ressaltar que o sucesso da narrativa depende de alguns fatores que se interligam, sendo fundamental a preparação e a elaboração de um plano de roteiro. Ele possibilita transformar o improviso em uma técnica, improviso esse que não pode ocorrer no momento de contação de histórias, levando em conta a importância que a narrativa tem para o desenvolvimento da criança.

Ao contar uma história, o professor deve estar disposto a criar um clima de cumplicidade entre a sua história e os seus ouvintes, permitindo que a criança se envolva naquele ato. É necessário incorporar elementos à contação, como originalidade, surpresa e expressividade, pois estará levando o espectador infantil a abrir as portas da sua imaginação para um mundo mágico e maravilhoso, repleto de carinho, ternura e suspense.

Conforme Sisto (2012), ao contrário do que se pensou, o contador de histórias não “virou fumaça”, ele se multiplicou. Muitas instituições têm investido na formação dos contadores de histórias, como forma de permanência e transformação da cidadania. Eles estão

por toda a parte: salas de leitura, rádios, praça, teatro, televisão, clubes, feiras de livros e centros culturais. Assim, essa atividade, que parecia ser destinada aos professores e aos bibliotecários conquistou outro público e se faz presente no trabalho (ou prazer) de mímicos, atores, músicos, donas de casa, avós e recreacionistas.

Eis que surgiu a necessidade de atentar para a qualidade dessas contações de histórias, principalmente quando essa é realizada na escola, independente do objetivo proposto pelo educador. Para Sisto (2012), pensando de forma artística, pois contar histórias é uma forma de arte: “contar histórias pode ser uma sinfonia. Desde que nessa sinfonia, orquestrada com palavras, entrem todos os instrumentos: do sopro da respiração, ao metal da voz; do dedilhar do corpo, ao ribomar do olhar” (SISTO, 2012).

Segundo o autor citado anteriormente, contar histórias provoca efeitos nos ouvintes, que podem ser negativos ou positivos. Isso ocorre devido a uma junção de fatores, como escolha acertada do texto, texto trabalhado de forma aprofundada, apropriação do texto, ensaio, experimentação, preocupação estética, priorização da comunicação com o público, sinceridade ao narrar, plasticidade, personalidade, domínio dos tempos e dos ritmos do narrar. Destaca-se o cuidado necessário ao escolher uma narrativa, sendo esse o primeiro passo no processo de contação de histórias, a escolha da obra.

Dada a importância da performance que o contador deve ter, Sisto (2012) também ressalta o uso do corpo e da voz nos momentos de contações. Para ele o corpo tem uma arquitetura própria e o contador é um todo orgânico, que utiliza a sua voz e as expressões faciais como um estímulo. O corpo, além de ser um abrigo das potencialidades expressivas e plásticas, é um depósito de sentimentos, lembranças, marcas e emoções que ficaram gravadas “nas paredes dessa casa-gente.” Ou seja, cada um é um universo de gestos aprendidos no convívio social, temporal, cultural e geográfico.

Ressalta-se as palavras de Sisto(2012):

Encontrar para o corpo uma linguagem plástica que seja, ao mesmo tempo, decodificável e original é um trabalho árduo, principalmente para os artistas que trabalham sem perder o foco na necessidade de colocar o corpo inteiro para falar, como costuma ser o desejo dos contadores de histórias (SISTO, 2012,p.104).

O contador, levando em consideração os acontecimentos fortuitos do ato de contar, deve elaborar uma performance que se dá pelo resultado da sua leitura, seu estudo e

preparação, trazendo ao público a história de uma forma mais expressiva e plurissignificativa. Sisto (2012,p.101) ressalta que:

O corpo tem papel fundamental na transposição da história escrita para a narração oral. Sem a possibilidade de voltar ao texto e reler um trecho mal compreendido ou o que passou despercebido, sem os sinais gráficos de pontuação, as divisões de parágrafos, o apoio das ilustrações e, mais, a imposição de um outro ritmo que é o do contador e da leitura que ele faz da história que conta, o ouvinte da história tem que receber do contador um todo elaborado e minimamente controlado, para que o ato de ouvir histórias ultrapasse o mero entendimento do texto narrado e alcance a fruição (SISTO, 2012,p.101).

Dessa forma, podemos afirmar que o corpo do narrador está preparado para a narração oral. Esse trabalho corporal tem uma infinidade de caminhos a seguir, desde a preparação da história até a sua narração ao público. Em geral, o narrador vai utilizar-se de gestos, movimentos e expressões faciais, resultados de uma postura que estabelece o clima da história. Destaca-se Sisto (2012,p.103) novamente, que trata da qualidade dos gestos:

Os gestos, os movimentos, a mímica, as expressões corporais do contador de histórias, via de regra, são acompanhamentos – auxiliares, ampliadores ou substitutos – da linguagem articulada. Estão carregados de informações que podem ser decodificadas instantaneamente ou estão impregnados de uma simbologia que não se deduz tão prontamente(SISTO,2010,p.103).

Além do corpo, o contador ainda tem um poderoso instrumento de narração, a sua própria voz. Mas necessita estar atento, acostumar-se a ouvir e apreciar todos os timbres que o cercam. Observar a projeção da voz é de relevante importância nos momentos de contações, pois ela deve adequar-se às características físicas do local em que está sendo narrada, devendo ser projetada de modo a confortar quem está ouvindo-a. Por isso, é importante que o contador, antes de narrar, faça exercícios e aquecimentos vocais.

Segundo Coelho (1999), nem todas as histórias encontradas nos livros estão prontas para serem narradas. Por mais simples e acessível que seja, a linguagem escrita ainda requer a adaptação verbal que facilite a sua compreensão e a torne mais dinâmica e comunicativa. Para ela:

Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro possibilita transformar o improvisado em técnica, fundir a teoria à prática (COELHO, 2012, p.13).

Ainda conforme Coelho (1999), a escolha da história a ser contada pode ser pensada a partir de indicadores que possibilitam essa escolha conforme a faixa etária e interesse das crianças. Ao narrador cabe escolher o repertório tendo em vista a qualidade literária, mesmo nas histórias mais tradicionais. Então, o que contar, tendo em vista a quem contar?

Também conforme Coelho (1999), no período pré-escolar, ocorre a fase pré-mágica até os 3 anos e a fase mágica, dos 3 aos 6 anos. Nesse período é característico contar histórias de bichinhos, brinquedos, seres da natureza humanizados e histórias de crianças, na primeira fase, pois as narrativas devem ser de enredo simples, contendo situações que se aproximem da vida social e afetiva da criança. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, vivendo os enredos. Já na segunda fase, caracterizam-se as repetições e as histórias de fadas, pois os pequenos solicitam a mesma história, por diversas vezes, sempre escutando com encanto e interesse. Dessa forma, sabendo o que vai acontecer, as crianças se identificam mais ainda com o personagem e com o enredo.

A autora também destaca que entre as idades dos 3 aos 6 anos, acontecem alguns momentos de transição, como aos 4 anos, quando atinge a fase mágica, e sua imaginação torna-se muito mais criadora e aos 7 anos, quando começam a apreciar mais as histórias de animais domésticos, circo, zoológico, alimentos, flores, entre outros, tornando a sua linguagem mais evoluída. Dessa forma, a criança amplia seus conhecimentos, permitindo maior variedade de assuntos.

Além dos interesses de cada faixa etária e da escolha da história, é necessário levar em conta o estudo da obra a ser contada. Não se faz necessário que o professor decore a narrativa, pois estudar uma história significa, acima de tudo, captar a mensagem que ela quer transmitir, identificando os elementos que a constituem. Assim, após compreendida, deve-se organizar e elaborar uma forma de apresentá-la. Conforme Coelho (1999,p.31)

Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou recurso mais adequado de apresentá-la. Os recursos mais utilizados são: simples narrativa, a narrativa com o auxílio do livro, o uso de gravuras, de flanelógrafo, de desenhos e a narrativa com interferências do narrador e dos ouvintes (COELHO, 1999,p.31).

Considerando ainda que contar histórias é uma arte, são necessárias naturalidade e segurança por parte do contador. Ele precisa estar consciente que a história é o mais importante e ele será o seu transmissor. Deve então narrá-la com naturalidade, tendo a certeza de que conhece tal narrativa e está preparado para transmiti-la. Ressalta Coelho (1999, p.50) que:

Contar com naturalidade implica ser simples, sem artificialismos. São também indispensáveis sobriedade nos gestos e equilíbrio na expressão corporal. Se o contador vivencia o enredo com interesse e entusiasmo, ele estabelece sintonia com o auditório. É necessário exercitar a criatividade para recriar o texto com originalidade, sem modificar a estrutura essencial (COELHO, 1999,p.50).

Coelho (1999) também destaca que um bom contador de histórias não pode representar a história como se estivesse num palco, por mais envolvido que esteja na sua narrativa. Não deve realizar muitos movimentos, pois dessa maneira, as crianças podem não conseguir acompanhá-lo e perder o foco em quem está narrando, quem são os personagens, o que se passa na história.

A autora também destaca que algumas histórias não podem ser contadas sem o livro, já que é indispensável a apresentação das gravuras que complementam a história. As gravuras devem ser mostradas lentamente e o narrador, que já estudou a história, narrar com as suas próprias palavras, sem consultar o texto, para que não prejudique a integridade da narrativa.

Vale ressaltar também as ideias de Ribeiro (2010):

Portanto, ao contar uma história o professor deve conhecer bem o enredo, pois assim estará se envolvendo com o tema, vivendo-o e emocionando-se. É importante também ter uma voz clara e agradável, que se modifica de acordo com a situação e os personagens. Dosar e não exagerar na carga de emoção (RIBEIRO, 2010,p.11).

Ou seja, narrar a história de forma descontraída, a fim de prender a atenção do ouvinte, usando a entonação da voz, mudando o jeito de falar, já que a voz materializa as sucessivas fases da história (alegria, tristeza, empolgação, medo) e dá características aos personagens.

Dessa maneira, podemos considerar que a arte de narrar histórias consiste em um processo, que perpassa por etapas necessárias e importantes, tanto para o educador que vai narrá-las quanto para o receptor, no caso as crianças. Escolher a história, apropriar-se dela, de seus elementos e de seu enredo, estudá-la, modificar o tom de voz diante da narração e/ou da voz dos personagens são estratégias fundamentais para que a hora do conto seja um momento de prazer e aprendizagem para os ouvintes.

Uma boa história define-se pelos conflitos e problematizações que traz no seu enredo e é o estudo da história que permite ao contador levantar questões, e compreender tais conflitos, o tema da história, os personagens e o enredo, que levam, conseqüentemente, a uma contação coerente. Isso leva o ouvinte a ter clareza no entendimento da narração e desperta suas emoções, mostrando que o contador obteve domínio do texto lido.

Outro aspecto abordado dentro do contexto da contação de histórias são os recursos utilizados pelo educador, que podem ou não ser digitais. Aventais, fantoches, luzes, computadores, datas-show, enfim, vários materiais podem ser explorados no momento de contação. Quanto aos materiais digitais, vale ressaltar as ideias de Shermack que diz ser possível uma contação de histórias com recursos digitalizados, mas imprescindível que educadores, artistas, pais e/ou qualquer outro contador de histórias diminua a distância entre leitores e livros. Conforme a autora, quanto a essa era digital, ela destaca que:

Sabemos que os tempos agora são outros, com computadores de última geração, internet, televisão digital e vários outros recursos tecnológicos. Apesar desses avanços da modernidade, a voz da narrativa presencial não perdeu sua importância, tanto isso é verdade, que cada vez mais os contadores de histórias se fazem presentes em emissoras de rádio e televisão, nas salas de aula, nos leitos de hospitais, nas bibliotecas, nas praças da cidade, nas igrejas e nas ONGs (SHERMACK, p.13).

A escola é o principal lugar onde acontecem os estímulos literários. É nela que as crianças passam a maior parte do seu tempo, manipulando diversos livros e vivenciando diferentes histórias e contações. Nesses momentos, a performance do educador deve ser impecável, levando em consideração todas as etapas e estudos que compõem o processo da arte de contar uma história.

Em relação a esse processo de contar uma história, é possível perceber que os autores abordados partilham das mesmas ideias, destacando a importância de uma preparação adequada para a realização de uma contação de histórias. Além do estudo, é importante lembrar sempre que a história se destina ao público (aos alunos, no ambiente escolar), deve ser preparada e pensada a ele.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa é de cunho qualitativo, na qual serão realizadas observações de momentos de contações de histórias, para verificar tanto a performance do professor contador quanto o interesse e reação das crianças. Também foi aplicado um questionário ao grupo de professoras da Educação Infantil.

O questionário aplicado visou identificar o conhecimento dos professores da Educação Infantil em relação à contação de histórias, bem como conhecer a metodologia adotada por eles na realização dessa prática. O questionário aplicado contemplava as seguintes perguntas: O que você entende sobre contação de histórias? Em quais situações do seu planejamento você utiliza a contação de histórias? Quais os recursos e as ferramentas que você costuma utilizar no momento de narrar uma história? Você costuma representar os personagens das histórias que conta? Como?

O questionário respondido pelas professoras foi entregue a elas e recolhido posteriormente. Não houve acompanhamento presencial da pesquisadora durante o período em que as titulares respondiam as perguntas.

Assim como foram entrevistados os professores também houve uma conversa informal com os alunos e essa contemplou as seguintes perguntas: Você gosta de ouvir histórias? Você ouve histórias só de vez em quando ou sempre? Quem costuma contar as histórias para você? Quais são os tipos de história que você mais gosta?

## 4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

### 4.1 Observação hora do conto no Berçário

Diferente das contações realizadas nas outras turmas, no Berçário as professoras não preparam um momento com cenário, rodas ou fantasias, devido a faixa etária das crianças. A contação de histórias acontece de forma lúdica, quando há exploração e manipulação, tanto de brinquedos quanto de livros, que geralmente são de banho.

Desataca-se a ideia de Schermack (2015) “uma criança de 4 meses que manipula um livro (normalmente os de banho) já está iniciando o seu processo de alfabetização e construindo o seu gosto pela leitura, que vai se desenvolvendo conforme os estímulos que ela vai receber.”

A pesquisadora teve a possibilidade de realizar atividades práticas com a turma do Berçário e em uma das ocasiões, a mesma observou que os bebês estavam quase todos no tapete sentados manipulando brinquedos. Eles estavam com diferentes materiais espalhados pela sala, entre eles: revistas, brinquedos, peças de montar e um único livro, os demais estavam guardados na prateleira, embora acessíveis às crianças. Então um dos bebês sentou-se ao lado da pesquisadora e ofereceu-lhe o livro, esse tinha figuras de animais.

A presença de um único livro e de um ouvinte permitiu à pesquisadora que desse início a uma contação de história. De acordo com o ouvinte que ela tinha e o material disponível deu início a atividade: “Olha o cachorro, auau, auau... E o gato, miau, miau. Esse é boi, mumu.”

Ao terminar o bebê apontou para o livro e fez um som “hum”, a mesma entendeu como “conta de novo”, e reiniciou a leitura. Aos poucos mais crianças se aproximaram, e

aquelas que já falavam algumas palavras, produziram o som dos animais. É possível observar que naquela situação a história serviu de suporte tanto para a brincadeira e fruição, quanto para a construção do conhecimento, e aproximação da pesquisadora aos bebês.

#### **4.1.2 Observação hora do conto no Nível 2.**

A história escolhida pela professora titular foi “Vê é uma caixa” de Valéria Belem. O livro retrata a vida de uma menina que gostava muito de caixas e por isso guardava seus sentimentos, como alegria, tristeza dentro delas. Um dia ela presentou uma vizinha velinha e rabugenta com uma das caixas em que havia guardado muitas alegrias, para que ela ficasse mais contente.

Para contar essa história, a professora organizou um cenário composto por caixas de papelão de diferentes tamanhos, uma grande boneca que representava a personagem e um pano no chão, para que as crianças pudessem se sentar. O local escolhido para a contação foi o pátio.

Devido a faixa etária, a educadora não leu o livro tal como é, ela foi mostrando as figuras e contando com suas palavras. Foi possível perceber que ela sabia a história, e ao mesmo tempo em que contava-a, convidava seus alunos a participarem da mesma. Um momento de participação dos alunos, foi quando Vê, a personagem principal, guardou risadas na caixa. A professora aproveitou esta parte da história para incluir os alunos, ela passou uma pequena caixa de madeira, na qual eles gargalharam dentro dela. É importante ressaltar a ideia de Mato e Sorcy (2007) já apresentadas neste trabalho, em que “a arte do contador, envolve expressões corporais, improvisações, interpretações e interações com os ouvintes”.

Ao final da história, a professora tirou de dentro de uma das caixas um brinquedo de cada criança, e disse que aquilo era um presente da boneca Vê. Após todos receberem, deixou que as crianças explorassem as caixas, e foi possível observar que algumas guardaram seus objetos dentro delas, como na história.

Observou-se que a contadora organizou aquele momento, realizou a leitura prévia do livro, preparou um cenário, trouxe objetos para compor a história, usou diferentes entonações de voz e convidou o grupo a participar do momento. Ou seja, fez uso de recursos como uma

ferramenta pedagógica para proporcionar à turma um momento prazeroso de vivência, experiência e conhecimento.

#### **4.1.3 Observação da hora do conto no Nível 3**

A história escolhida pelas professoras foi “Cachinhos Dourados e os três ursos” de Robert Southey, adaptado por outros autores. Retrata a aventura de uma menina que tem como característica longos cabelos loiros cacheados. Certa manhã, ela resolve sair para passear pela floresta. No caminho, encontra uma pequena casa, e resolve entrar para ver o que há lá dentro. A moradia pertence a uma família de ursos, que foram dar um passeio até que o mingau, que está servido na mesa esfriasse. Ao entrar Cachinhos Dourados encontra a comida em cima da mesa e prova um pouco de todos os pratos. Depois, vai até a sala e senta em todas as poltronas, sendo que cada uma tem um tamanho diferente, que representa o tamanho do pai, o tamanho da mãe e o tamanho do filho. Após, ela vai até o quarto e resolve tirar um cochilo. Ao acordar é surpreendida pela família Urso, que a observa. A menina se assusta e sai correndo, até chegar na sua casa e reencontrar a sua mãe.

Para contar essa história, os alunos foram acomodados em um tapete e sentados em roda. As professoras utilizaram fantoches de dedo, uma delas estava com o personagem da Cachinhos Dourados e interpretava a voz do narrador e da menina. A outra professora estava com a família urso e também interpretava a voz do narrador e da família. Após a contação, os alunos puderam manipular e brincar com os fantoches de dedo.

O livro de história estava presente na contação, mas foi utilizado apenas para mostrar a capa aos alunos. O enredo foi contado pelas educadoras, que haviam realizado a leitura prévia do conto. Elas permitiram a participação dos alunos, e fizeram a contagem dos personagens e dos objetos junto com os mesmos. Ao solicitarem o número de integrantes da família urso elas perguntaram: “Quantos ursos têm na família urso?” E os alunos responderam: “O papai, a mamãe e o filho.” No entanto as professoras refizeram a pergunta de maneira diferente, mas com o mesmo objetivo; “Então quantos são? E os alunos disseram “Três!”

Também foi possível observar uma caracterização na entonação de voz, que mudava de acordo com a fala dos personagens. Voz grossa para o papai urso, voz média para a mamãe urso e voz aguda para o filho urso. Nos momentos em que havia a fala do papai urso, que era grave, alguns alunos se assustavam e ficavam com os olhos arregalados. É o que destaca Sisto

(2012), quando afirma que “contar histórias provoca efeitos nos ouvintes, que podem ser negativos ou positivos.” Sobre essa contação, observa-se que os efeitos tenham sido positivos, já que os ouvintes mostraram-se atentos e interessados na aventura de Cachinhos Dourados.

Outra percepção foi acerca da narrativa escolhida. Nessa faixa etária é notável o interesse pela fantasia e histórias de lobo, bruxas e heróis. Em uma parte do conto, a professora relatava que quando Cachinhos Dourados estava dormindo, apareceu a família urso. Porém, quando ela disse a frase “então apareceram”, as crianças ligeiramente gritaram a palavra “lobo”. Então a professora revelou que não era o lobo, mas sim o pai, a mãe e o filho ursos. Mesmo não sendo o lobo, os ouvintes não se frustraram, pois a professora logo disse que era família urso e utilizou-se de um tom de voz mais grave para interpretar o papai urso: “alguém esteve na minha cama”. Foi a mesma entonação utilizada quando interpretamos a voz do lobo.

#### **4.1.4 Observação da hora do conto no Nível 4**

A história escolhida pelas professoras foi “Viviana a rainha do pijama” de Steve Webb. O livro retrata a história de uma menina chamada Viviana, que tem um pijama cheio de figuras animais. No dia do seu aniversário, ela organiza uma festa do pijama e convida, via telegrama, os animais que aparecem na sua roupa: um macaco, um urso, um pinguim, um jacaré, um lula molúsculo e uma girafa.

No convite, ela avisa que fará um concurso para eleger o pijama mais legal de todos. Os animais comparecem á festa e no final, quem vence o concurso é a própria Viviana.

Para contar essa história, as professoras das duas turmas organizaram um cenário, composto por um varal, onde foram pendurando as páginas do livro xerocadas e uma caixa, que continha os personagens da história. Os alunos, conforme combinado anteriormente, vieram de casa vestidos com os seus pijamas, assim como as educadoras. O local escolhido foi uma sala escura, onde as crianças puderam se sentar no tapete.

As professoras foram realizando a contação através da leitura do livro. Uma delas narrava e interpretava a voz da Viviana, a outra interpretava a voz dos animais. O livro serviu como um suporte, já que ambas haviam realizado a leitura prévia e tinham conhecimento do

enredo da história. Também permitiram a participação dos alunos, fazendo questionamentos e convidando-os a darem suas contribuições.

Porém, essas participações por parte das crianças aconteceram de forma muito frequente e isso pode ser a razão pela qual, em determinado momento da história, surgiram conversas paralelas e muitos alunos se distraíram e se dispersaram. Outra constatação foi que a educadora que narrou a história e interpretou a voz da personagem Viviana realizou a contação da história com um tom de voz muito alto.

Constatou-se então que essa estratégia não foi eficiente para a idade das crianças e atividade proposta. Retoma-se a ideia de Coelho (1999), já apresentada no decorrer da monografia, que destaca a importância de narrar “a fim de prender a atenção do ouvinte, usando a entonação da voz, mudando o jeito de falar, já que a voz materializa as sucessivas fases da história (alegria, tristeza, empolgação, medo) e dá características aos personagens”. Ou seja, permanecer com o mesmo tom de voz pode não ter proporcionado essas diferentes sensações que vão acontecendo no decorrer das fases do enredo.

Ao concluírem a hora do conto, permaneceram todos na sala escura, onde aconteceu a festa do pijama. Os alunos e as professoras desfilaram e depois brincaram com lanternas, trazidas pelas crianças.

#### **4.1.5 Observação da hora do conto no Nível 5**

A história escolhida pela professora foi “Os sonhos de Armando” de Mônica Guttmann. O livro retrata a aventura do menino Armando que tentava guardar os seus sonhos em diferentes lugares, como plantá-los no jardim, guardá-los nas nuvens, no tempo. Ao final, o menino percebe que o melhor lugar para guardar seus sonhos é dentro do seu coração.

Para contar essa história, a professora organizou um cenário composto por um varal que continha dois cartazes pendurados, um com a figura do personagem e outro com o título da história. No chão, a professora colocou um tecido azul, um travesseiro em formato de nuvem e um boneco de pijama, que representava o personagem. O local escolhido para a contação foi a área verde da escola.

A educadora acomodou todos os alunos sobre um pano e começou a contar a história, mostrando as figuras e lendo conforme o livro. Ela também questionou a turma sobre onde eles guardariam seus sonhos e quais os sonhos que tinham quando dormiam. Ao final da história, contou aos alunos que o Armando seria o mascote da turma e moraria na sala de aula da turma. Também permitiu a exploração e a manipulação do travesseiro em formato de nuvem e do boneco Armando.

Foi possível observar que a contadora organizou aquele momento, realizou a leitura prévia do livro, preparou um cenário e convidou seus alunos a participarem do momento. Ela usou uma entonação de voz diferente em todos os momentos, falava alto, baixo, com voz fina, voz grossa. Assim, constata-se que, tanto nessa contação quanto na contação da turma com crianças de dois anos, que as educadoras utilizaram-se de diferentes recursos para tornar a hora do conto um misto de prazer e conhecimento, conforme destacado por Sisto (2012) no decorrer do referencial teórico deste trabalho.

Na outra turma de nível 5 na qual foi realizada a observação, a professora desenvolveu um projeto de contações de histórias com a turma, sendo que a obra utilizada por ela foi “O pequeno príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry. Ela contava um capítulo por dia aos alunos, e o da aula observada era o capítulo V, em que o Pequeno Príncipe conta ao amigo Antony sobre os baobás<sup>1</sup> que crescem em seu planeta.

O espaço escolhido para a contação foi a biblioteca da escola e os alunos foram acomodados em uma sala escura, com tapete e almofadas para que pudessem sentar e deitar. Com uma maleta na mão, a professora contou a história, sem o livro, retirando da mala alguns objetos, que compunham o cenário, como: uma rosa, que cresce e se transforma em baobás.

Como nas outras contações observadas, percebeu-se que a professora tinha pleno conhecimento da história e que preparou-se para transmiti-las aos seus alunos. Fez uso de recursos, que possibilitaram uma grande concentração e apreciação das crianças. Outro quesito bem trabalhado foi a alteração vocal, utilizando diferentes sons para representar as falas e as emoções dos personagens.

Esse modo de contar a história representa a ideia de Sisto (2012), que retrata o contador como aquele que “levando em consideração os acontecimentos fortuitos do ato de

---

<sup>1</sup>Baobás: árvore nacional de Madagascar e o emblema nacional do [Senegal](#).

contar, deve elaborar uma performance que se dá pelo resultado da sua leitura, seu estudo e preparação, trazendo ao público a história de uma formas expressiva e plurissignificativa”.

Contar uma história requer uma reflexão acerca de como transmiti-la, destacando que contar e ler são ações diferentes. Contar envolve expressões corporais, improvisações, interpretações e interações com os ouvintes. Ler significa emprestar a sua voz ao texto, podendo utilizar recursos vocais para que a leitura se torne mais atraente ao ouvinte. Partindo desse pressuposto percebe-se que os professores costumam optar pela contação e não pela leitura da narrativa.

Entre as histórias observadas, todas as professoras utilizaram recursos como fantoches, cenários, objetos e bonecos. Também utilizaram o livro, mas apenas como um material de apoio, já que nenhuma das educadoras fez a leitura tal como é a escrita.

Foi possível constatar que as educadoras entendem a hora do conto como um momento de estudo e construção do conhecimento, por isso atentam-se preparação, tanto dos locais, como das histórias escolhidas e da sua performance.

Essa performance é fundamental para a transmissão da história e é possível identificar, nos ouvintes, algumas das sensações que perpassam os seus corpos. Porém, por mais elaborada e criativa que fosse a história e performance da professora, em todos os casos foi necessária a interrupção por parte do contador afim de reestabelecer a atenção das crianças, que acabavam se dispersando em alguns momentos.

## **4.2 Análise dos questionários:**

### **4.2.1 Primeira questão: O que você entende por contação de histórias?**

R1: “A contação de história é algo mágico. É aquele momento em que há uma pessoa específica que conta uma história (ou talvez mais pessoas).”

R2: “O ato de contar histórias, remete a proporcionar momentos em que a criança possa viajar pelo mundo da imaginação, que possa criar e recriar suas próprias histórias. O ato de contar histórias também proporciona um momento de aprendizagem e de construções próprias.”

R3: “É a arte de contar/explorar uma história por meio da oratória.”

R4: “É o momento que leva uma criança ao mundo em que a história está sendo contada, sendo o professor o transmissor dos relatos da história e também criador de um fantástico universo.”

R5: “Aproxima a criança ao mundo da leitura e fantasia, fazendo a criança imaginar e sonhar. O professor é o mediador deste processo envolvendo e dando vida ao sonho, assim de uma maneira lúdica.”

R6: “É aproximar o leitor iniciante do mundo fascinante da arte de ouvir e contar histórias. É um momento de se apropriar de alguma história, conto e poder transmiti-la a alguém.”

R7: “É arte de encantar as crianças narrando belas histórias. Para mim, contar histórias é diferente de ler histórias, mas considero as duas formas de fundamental importância na educação infantil e anos iniciais.”

R8: “Na faixa etária das crianças as quais eu trabalho a contação de histórias é feita e forma diferente. Como meus bebês tem idade entre nove meses a um ano e dois meses, costumo usar a contação de histórias para que aos poucos eles vão se encontrando na nossa rotina. Por exemplo, usando o nome dos alimentos para indicar a eles que chegou o momento do lanche ou da janta.”

R9: “A contação de histórias nas escolas tem um papel muito importante, pois instiga a imaginação, oralidade, criatividade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação das personalidades envolvendo a criança como um todo no sentido afetivo, cognitivo.”

R10: “Entendo como um momento de viajar no mundo da fantasia, deleitar-se e imaginar.”

R11: “Contar histórias não é somente fazer a leitura. Tem toda a magia que a criança é capaz de se envolver, trazendo-a para “viver” essa história junto com os personagens, estimulando a imaginação, criatividade, além da ampliação do vocabulário e da oralidade.”

R12: “A contação de histórias é um momento para contar histórias para as pessoas, sejam crianças, adultos, idosos. Envolve livros ou histórias orais ou visuais.”

É possível observar que a maioria das educadoras acredita que a contação de história está diretamente ligada ao imaginário do aluno, já que destacam que é através dela que a criança vivencia diferentes aventuras e viagens, trazendo à tona toda a sua capacidade de

imaginação. Dessas, duas destacam a contação de história como uma forma de arte, que é a proposta dessa pesquisa: entender a contação de história como um processo artístico.

Destaca-se também que algumas docentes responderam a essa questão de forma mais técnica, atrelando a contação de história ao momento de exploração da oratória. Duas professoras ressaltaram a diferença entre contar uma história e ler uma história, diferenças essas abordadas por Matos e Sorsy (2007), que retratam a arte do contador envolvendo expressões corporais, interpretações, improvisações e interações com os ouvintes. Já a leitura do livro seria apenas um empréstimo da voz do leitor ao texto, sem interferir no estilo literário da obra, utilizando-se apenas de um recurso vocal.

Dessa forma, percebe-se que as professoras entendem a contação de histórias como um processo e que contar uma história e ler um livro são situações diferentes. Nas observações realizadas, constatou-se que nenhuma das educadoras utilizou o livro para uma simples leitura, já que todas realizaram uma contação de forma artística, com cenários, mudanças no tom de voz e outros recursos, que tornaram o momento propício para uma apreciação de uma forma de fazer arte.

#### **4.2.2 Segunda questão: Em quais situações do seu planejamento você utiliza a contação de histórias?**

R1: “Tudo depende das necessidades e interesse da turma, mas no mínimo duas vezes por semana.”

R2: “Em diversos momentos, sendo estes planejados ou não. Procuo fazer contações de histórias toda a semana, seja quando as crianças solicitam ou quando tenha algum objetivo específico.

R3: “Observo o quando a contação de história fascina as crianças, assim tenho ela presente quase que diariamente no meu fazer pedagógico seja no planejamento com um objetivo específico em que direciono a história sem que ela tenha necessariamente ser trabalhada.”

R4: “Buscamos quase que diariamente trabalhar a contação de histórias e observamos que mesmo pequenos estão sempre atentos aos relatos do livro.”

R5: “A contação de histórias em meu planejamento se faz presente em diversas situações, seja nos projetos, momentos de roda, biblioteca, ou ainda momentos de despedida ao final do dia. Inclusive alguns projetos surgiram a partir do interesse das crianças sobre alguma história. Nesses momentos, o olhar do professor é fundamental, instigando o que vai do interesse da turma.”

R6: Muitas vezes é planejado esses momentos, outras vezes surgem momentos que possam envolver a contação de histórias. Mas diariamente procuro realizar esses momentos com as crianças.”

R7: “Conto muito histórias por prazer de contar e ouvir, amo a reação das crianças que se encantam com as narrativas.”

R8: “Uso em vários momentos, principalmente em momentos de rotina (alimentação e troca de fraldas).”

R9: “O livro está a disposição da criança no momento que ela tiver interesse é observado a história, manuseado, realizada a contação. E a contação ocorre em muitos momentos, do nosso dia, não apenas usando o livro, mas em inúmeras situações: fantoches, máscaras, livros, revistas, imaginar a história ao relatar, história cantada, teatro...”

R10: “Em variados momentos, como recurso para desenvolver situações de aprendizagem, apreciar as histórias, contadas em diferentes espaços da escola e contribuir para a formação crítica do aluno.”

R11: “Ela é utilizada tanto em atividades sequenciais, mais orientadas, quanto incluída nas rotinas diárias, partindo do princípio que a leitura pode ser: ler para gostar de ler, ler para informar, ler para formar leitores.”

R12: “ Em atividades planejadas com livros selecionados pela professora e/ou não planejadas, quando as crianças pedem que conte sobre algum livro ou fazem alguma pergunta.”

Percebe-se que quase todas as professoras citam tanto o planejamento pedagógico como o momento de fruição para proporcionar contações de histórias aos seus alunos. Em relação ao planejamento pedagógico, utilizam as histórias com diferentes finalidades, como a introdução de um conteúdo a ser trabalhado, para dar sequencias em atividades, nos momentos de rotina. No momento de fruição, utilizam as histórias sem objetivos específicos e

as contações acontecem quando percebem o interesse dos alunos, quando solicitam, ou quando a própria docente sente vontade de realizá-la.

Uma das professoras destaca trabalhar a contação de histórias duas vezes por semana, sem definir se acontecem por fruição ou por estar presente no seu planejamento pedagógico. Já outras afirmam trabalhar com histórias diariamente, considerando o prazer e fascínio que as crianças apresentam diante das narrativas.

Porém, faz necessária uma reflexão sobre os modos de inserção das narrativas em sala de aula, já que não se pode utilizar a história como um recurso para simplesmente ocupar o tempo, por exemplo. Não adianta trazer uma contação de histórias todos os dias se o aluno não estiver disposto a ouvi-la. Em relação a isso, Sisto (2012) destaca que é necessário ficarmos atentos a qualidade dessas contações de histórias, principalmente quando realizadas na escola e independentes dos objetivos do professor.

#### **4.2.3 Terceira questão: Quais os recursos e as ferramentas que você costuma utilizar no momento de narrar uma história?**

R1: “O livro e alguns acessórios que caracterize as histórias (brinquedos, fantoches, retroprojeto para contar na luz/sombra.”

R2: “Procuro proporcionar o máximo de vivências possíveis para as crianças. Por isso, utilizo diversos recursos e ferramentas como: contar por meio do livro, com fantoches, reprodução em data show, por meio da música, criar novas histórias.”

R3: “Livros, imagens, fantoches, leitura formal, narração com diferenciação de voz...”

R4: “Além dos livros buscamos utilizar fantoches, dedoches<sup>2</sup> e até mesmo objetos, que em algumas vezes observamos que somente esses utensílios já são suficientes para a contação da história.”

R5: “Os recursos que utilizo são personagens como fantoches, imagens, tapetes interativos, músicas, bonecas, fantasias. O objeto pode mudar de acordo com a história, já usei caixas também. Enfim, tudo pode entrar no enredo, basta usar a imaginação.”

---

<sup>2</sup>Dedoches: fantoches de dedo.

R6: “Os livros sempre são a primeira ferramenta a utilizar, mas outras maneiras também fascinam as crianças. Ex: Chapeuzinho Amarelo, que contei, coloquei um chapéu amarelo e este chamou bastante a atenção deles. Tenho fantoches, avental, painel, dedoches. Nesses momentos é importante inventar algo e se apropriar para viajar junto com as crianças.”

R7: As vezes apenas o livro, mudança de voz, avental de contar histórias, tapete de histórias, barracas no pátio, fantoches, fantasias. Qualquer adereço nos transforma em contadores de histórias.”

R8: “Costumo fazer em forma de música e também faço uso dos fantoches.”

R9: “Os mais diversos livros, fantoches, dedoches, máscaras, cd com histórias musicais, oralizando/entonação de voz, objetos encontrados na sala viram recursos da história, entre muitos outros.”

R10: “Em meu cotidiano, utilizo muito as variações de voz. As histórias orais e adaptadas no momento são muito utilizadas por mim, percebo um encantamento gigantesco da turma com as diferentes entonações de voz e da mesma forma, eles utilizam enquanto recontam histórias e brincam.”

R11: “É importante que os recursos sejam variados neste momento. Algumas vezes é possível contar histórias ginasticadas (ou ginástica historiada), aquele onde as crianças encenam os movimentos sugeridos pela história, além de fantoches, fantasias, adereços e outros recursos. O local onde a história é contada também faz diferença para as crianças, pois a esfera muda, o clima e as reações das crianças.”

R12: “ Nos momentos planejados, utilizo principalmente livros, mas também fantoches, brinquedos, caixas, aventais, objetos.

Destaca-se a utilização de recursos utilizados por todas as professoras nos momentos de contação de história. Dos mais conhecidos, como fantoches, aos menos utilizados, como retroprojetor, todas elas utilizam diversas ferramentas a fim de tornarem o momento do conto mais empolgante e prazeroso para os seus alunos.

Conforme Shermack, “aventais, fantoches, luzes, computadores, datas-show, enfim, vários materiais podem ser explorados no momento de contação.” Porém, não somente os

recursos, mas o próprio corpo do contador deve ser explorado em suas narrativas. Conforme Sisto (2012),

Os gestos, os movimentos, a mímica, as expressões corporais do contador de histórias, via de regra, são acompanhamentos - auxiliares, ampliadores e substitutos - da linguagem articulada. estão carregados de informações que podem ser decodificadas instantaneamente. São fontes apenas de força e intensidade ou estão impregnadas de uma simbologia que não se deduz tão profundamente (SISTO, 2012, p. 103).

Ou seja, não somente os recursos, mas toda a movimentação e desenvoltura do corpo do contador são essenciais na transposição da história escrita, ressaltando que o corpo também passa a ser um recurso a ser utilizado. Destaca-se as respostas das educadoras, em que todas enfatizaram a utilização de materiais e objetos na hora do conto, mas apenas duas citaram a entonação da voz, demonstrando que nem sempre se dão conta da relevância que a corporeidade possui e transmite nessas situações.

#### **4.2.4 Quarta questão: Você costuma representar os personagens das histórias que conta? Como?**

R1: “Sim, com expressões, alguns acessórios, o tom de voz também fica diferente.”

R2: “Sim, procuro diferenciar os tons de voz e as expressões faciais.”

R3: Depende da proposta de trabalho. Não tenho como objetivo maior a obrigatoriedade de representação do personagem principal.”

R4: “ Na maioria das vezes com os bebês contamos as histórias buscando gesticular com as mãos, rosto e emitir sons dos personagens.”

R5: “Costumo representar mudando a tonalidade de voz, mas quando envolve mais personagens se torna mais difícil. Ex: voz fina (filho), voz grossa (pai), etc...”

R6: “Como citei no exemplo acima, isso é uma forma de representar.”

R7: “Sim, mas muita voz, expressões, jeitos de caminhar. As vezes me visto de fada, vovó, bruxa que veio contar a história.”

R8: “Costumo representar os personagens através de diferentes tons de voz e representações faciais.”

R9: “Se tornar personagem da história é muito legal, as crianças adoram e gostam também de participar da história ou até ser autores da mesma.”

R10: “Sim. Diferentes entonações de voz. Mãos para representar os personagens e alguns momentos se disponível, fantoches ou gravuras de papel.”

R11: “Personagens podem ser representados por diferentes tons de voz, adereços, teatralização, movimentos... enfim, “entrar” na história faz com que as crianças entrem também, instigando ainda mais a sua imaginação, trazendo ainda mais aprendizagens.”

R12: “ Às vezes, utilizando fantasias ou objetos, ou ainda fazendo entonações diferentes para a voz dos personagens.”

Quando perguntadas se costumam representar os personagens das histórias que contam, nove professoras responderam que utilizam expressões faciais e diferentes entonações de vozes para a representação. Volta-se a questão anterior, já que os gestos e a mudança de voz também são recursos. Então, é possível afirmar que essas educadoras representam os personagens das histórias através dos recursos que utilizam.

## 5 CONCLUSÃO

O contador deve estar disposto a criar um clima de cumplicidade entre os ouvintes, permitindo o envolvimento no ato do conto. Originalidade, surpresa e expressividades são elementos que devem ser incorporados à contação, possibilitando que o espectador infantil abra as portas da sua imaginação para um mundo mágico e maravilhoso, repleto de carinho, ternura e suspense. Vale ressaltar que as crianças possuem uma facilidade enorme para criar e imaginar, principalmente quando ouvem uma história.

A monografia ocupou-se em realizar uma análise sobre a inserção da contação de histórias no planejamento dos professores, bem como a forma como são pensadas e organizadas essas horas do conto. Nesse sentido, percebeu-se que as histórias estão inseridas de fato na prática pedagógica diária dos professores e que as educadoras priorizam uma boa preparação para esses momentos propostos aos seus alunos.

Verificou-se que as crianças concentram-se na hora da história. Às vezes se dispersam, mas isso se dá pelas faixas etárias, caracterizadas por determinados períodos de concentração dos pequenos em uma única atividade. Ressalta-se que as contações de histórias são significativas aliadas no processo de construção do conhecimento do aluno, pois além dos momentos de fruição, possibilitam a reflexão, a imaginação e algumas desconstruções acerca do mundo em que vivem

Quando perguntados sobre qual a história que mais gostam ou qual o local em que mais escutam histórias, alguns alunos não souberam responder com precisão. Mesmo assim, pode-se ter uma ideia de que a escola é o local onde ouvem histórias com mais frequências, e os contos de fadas e de terror estão entre os preferidos dos alunos, destacando o lobo mau como um dos personagens mais comentados pelos pequenos.

Conclui-se então que o planejamento de uma hora do conto proporciona mais prazer que a simples leitura de um livro, já que o contador vai utilizar-se de recursos diversos, que podem estar no seu próprio corpo ou no cenário e nos materiais que são incorporados ao momento. Na leitura, a voz é utilizada apenas para decifrar os códigos e o corpo é neutro, sem movimentos. Já na contação, a voz serve para caracterizar personagens e o corpo do contador e as suas expressões faciais revelam o clima da história e possibilitam ao expectador um entendimento sobre as diferentes sensações que perpassam a narrativa em si e o cotidiano dos personagens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira (coord). **Era uma vez... na escola:** formando educadores para formar leitores.[et AL.]. (Educador em formação). Outros autores: Marília Papaléo Fichtner, Zila Letícia Goulart Pereira Rêgo, Frieda Liliana Morales Barco. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

COELHO, Betty. **Contar histórias:** uma arte sem idade. 10.ed. São Paulo: Ática, 1999.

GARCIA, Silvia Craveiro Gusmão. FACINCANI, Eliane Fernandes. **Literatura infantil e escola:** algumas considerações. UNIRP / UNICERES - São José do Rio Preto/SP; Faimi-Mirassol/SP. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss02\\_06.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss02_06.pdf)>. Acesso em: 11 de ago. de 2015.

KIRCHOF, Edgar Roberto; SILVEIRA; Rosa Maria Hessel. **Contação de história:** uma análise da escolha em um recorte de experiências gauchas. v. 14, n. 2. Conjectura, maio/ago de 2009.

MATOS, Gislayne Avelar. **O ofício do contador de histórias:** perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar/Gislayne Avelar Matos, InnoSorsy. – 2ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SCHERMACK, Keila De Quadros. **A contação de histórias como arte performática na era digital:** convivência em mundos de encantamento. Disponível em: <<file:///C:/Users/usuario/Downloads/sobre%20conta%C3%A7%C3%A3o%201.pdf>>. Acesso em 13 de nov. de 2015.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** 3.ed.rev. eampl. - Belo Horizonte: Aletria, 2012.

## APÊNDICES

**Apêndice A: Roteiro do questionário aplicado as professoras:**

1. Primeira questão: O que você entende por contação de histórias?
2. Segunda questão: Em quais situações do seu planejamento você utiliza a contação de histórias?
3. Terceira questão: Quais os recursos e as ferramentas que você costuma utilizar no momento de narrar uma história?
4. Quarta questão: Você costuma representar os personagens das histórias que conta? Como?

**Apêndice B: Respostas da professora 1**

1. “A contação de história é algo mágico. É aquele momento em que há uma pessoa específica que conta uma história (ou talvez mais pessoas).”
2. “Tudo depende das necessidades e interesse da turma, mas no mínimo duas vezes por semana.”
3. “O livro e alguns acessórios que caracterize as histórias (brinquedos, fantoches, retroprojektor para contar na luz/sombra.”
4. “Sim, com expressões, alguns acessórios, o tom de voz também fica diferente.”

**Apêndice B: Respostas da professora 2:**

1. “O ato de contar histórias, remete a proporcionar momentos em que a criança possa viajar pelo mundo da imaginação, que possa criar e recriar suas próprias histórias. O ato de contar histórias também proporciona um momento de aprendizagem e de construções próprias.”
2. “Em diversos momentos, sendo estes planejados ou não. Procuro fazer contações de histórias toda a semana, seja quando as crianças solicitam ou quando tenha algum objetivo específico.
3. “Procuro proporcionar o máximo de vivências possíveis para as crianças. Por isso, utilizo diversos recursos e ferramentas como: contar por meio do livro, com fantoches, reprodução em data show, por meio da música, criar novas histórias.”
4. “Sim, procuro diferenciar os tons de voz e as expressões faciais.”

**Apêndices C: Respostas da professora 3**

1. “É a arte de contar/explorar uma história por meio da oratória.”

2.“Observo o quando a contação de história fascina as crianças, assim tenho ela presente quase que diariamente no meu fazer pedagógico seja no planejamento com um objetivo específico em que direciono a história sem que ela tenha necessariamente ser trabalhada.”

3.“Livros, imagens, fantoches, leitura formal, narração com diferenciação de voz...”

4.“Depende da proposta de trabalho. Não tenho como objetivo maior a obrigatoriedade de representação do personagem principal.”

#### **Apêndices D: Respostas da professora 4**

1.“É o momento que leva uma criança ao mundo em que a história está sendo contada, sendo o professor o transmissor dos relatos da história e também criador de um fantástico universo.”

2.“Buscamos quase que diariamente trabalhar a contação de histórias e observamos que mesmo pequenos estão sempre atentos aos relatos do livro.”

3.“Além dos livros buscamos utilizar fantoches, dedoches<sup>3</sup> e até mesmo objetos, que em algumas vezes observamos que somente esses utensílios já são suficientes para a contação da história.”

4.“Na maioria das vezes com os bebês contamos as histórias buscando gesticular com as mãos, rosto e emitir sons dos personagens.”

#### **Apêndices E: Respostas da professora 5**

1.“Aproxima a criança ao mundo da leitura e fantasia, fazendo a criança imaginar e sonhar. O professor é o mediador deste processo envolvendo e dando vida ao sonho, assim de uma maneira lúdica.”

2.“A contação de histórias em meu planejamento se faz presente em diversas situações, seja nos projetos, momentos de roda, biblioteca, ou ainda momentos de despedida ao final do dia. Inclusive alguns projetos surgiram a partir do interesse das crianças sobre alguma história. Nesses momentos, o olhar do professor é fundamental, instigando o que vai do interesse da turma.”

3.“Os recursos que utilizo são personagens como fantoches, imagens, tapetes interativos, músicas, bonecas, fantasias. O objeto pode mudar de acordo com a história, já usei caixas também. Enfim, tudo pode entrar no enredo, basta usar a imaginação.”

4.“Costumo representar mudando a tonalidade de voz, mas quando envolve mais personagens se torna mais difícil. Ex: voz fina (filho), voz grossa (pai), etc...”

**Apêndices F: Respostas da professora 6**

1. “É aproximar o leitor iniciante do mundo fascinante da arte de ouvir e contar histórias. É um momento de se apropriar de alguma história, conto e poder transmiti-la a alguém.”
2. “Muitas vezes é planejado esses momentos, outras vezes surgem momentos que possam envolver a contação de histórias. Mas diariamente procuro realizar esses momentos com as crianças.”
3. “Os livros sempre são a primeira ferramenta a utilizar, mas outras maneiras também fascinam as crianças. Ex: Chapeuzinho Amarelo, que contei, coloquei um chapéu amarelo e este chamou bastante a atenção deles. Tenho fantoches, avental, painel, dedoches. Nesses momentos é importante inventar algo e se apropriar para viajar junto com as crianças.”
4. “Como citei no exemplo acima, isso é uma forma de representar.”

**Apêndices 7: Respostas da professora G**

1. “É arte de encantar as crianças narrando belas histórias. Para mim, contar histórias é diferente de ler histórias, mas considero as duas formas de fundamental importância na educação infantil e anos iniciais.”
2. “Conto muito histórias por prazer de contar e ouvir, amo a reação das crianças que se encantam com as narrativas.”
3. “As vezes apenas o livro, mudança de voz, avental de contar histórias, tapete de histórias, barracas no pátio, fantoches, fantasias. Qualquer adereço nos transforma em contadores de histórias.”
4. “Sim, mas muita voz, expressões, jeitos de caminhar. As vezes me visto de fada, vovó, bruxa que veio contar a história.”

**Apêndices H: Respostas da professora 8**

1. “Na faixa etária das crianças as quais eu trabalho a contação de histórias é feita e forma diferente. como meus bebês tem idade entre nove meses a um ano e dois meses, costumo usar a contação de histórias para que aos poucos eles vão se encontrando na nossa rotina. Por exemplo, usando o nome dos alimentos para indicar a eles que chegou o momento do lanche ou da janta.”
2. “Uso em vários momentos, principalmente em momentos de rotina (alimentação e troca de fraldas).”
3. “Costumo fazer em forma de música e também faço uso dos fantoches.”

4. “Costumo representar os personagens através de diferentes tons de voz e representações faciais.”

#### **Apêndice I: Respostas da professora 9**

1. “A contação de histórias nas escolas tem um papel muito importante, pois instiga a imaginação, oralidade, criatividade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação das personalidades envolvendo a criança como um todo no sentido afetivo, cognitivo.”

2. “O livro está a disposição da criança no momento que ela tiver interesse é observado a história, manuseado, realizada a contação. E a contação ocorre em muitos momentos, do nosso dia, não apenas usando o livro, mas em inúmeras situações: fantoches, máscaras, livros, revistas, imaginar a história ao relatar, história cantada, teatro...”

3. “Os mais diversos livros, fantoches, dedoches, máscaras, cd com histórias musicais, oralizando/entonação de voz, objetos encontrados na sala viram recursos da história, entre muitos outros.”

4. “Se tornar personagem da história é muito legal, as crianças adoram e gostam também de participar da história ou até ser autores da mesma.”

#### **Apêndices J: Respostas da professora 10**

1. “Entendo como um momento de viajar no mundo da fantasia, deleitar-se e imaginar.”

2. “Em variados momentos, como recurso para desenvolver situações de aprendizagem, apreciar as histórias, contadas em diferentes espaços da escola e contribuir para a formação crítica do aluno.”

3. “Em meu cotidiano, utilizo muito as variações de voz. As histórias orais e adaptadas no momento são muito utilizadas por mim, percebo um encantamento gigantesco da turma com as diferentes entonações de voz e da mesma forma, eles utilizam enquanto recontam histórias e brincam.”

4. “Sim. Diferentes entonações de voz. Mãos para representar os personagens e alguns momentos se disponível, fantoches ou gravuras de papel.”

#### **Apêndices K: Respostas da professora 11**

1. “Contar histórias não é somente fazer a leitura. Tem toda a magia que a criança é capaz de se envolver, trazendo-a para “viver” essa história junto com os personagens, estimulando a imaginação, criatividade, além da ampliação do vocabulário e da oralidade.”

2. “Ela é utilizada tanto em atividades sequenciais, mais orientadas, quanto incluída nas rotinas diárias, partindo do princípio que a leitura pode ser: ler para gostar de ler, ler para informar, ler para formar leitores.”

3. “É importante que os recursos sejam variados neste momento. Algumas vezes é possível contar histórias ginasticadas (ou ginástica historiada), aquele onde as crianças encenam os movimentos sugeridos pela história, além de fantoches, fantasias, adereços e outros recursos. O local onde a história é contada também faz diferença para as crianças, pois a esfera muda, o clima e as reações das crianças.”

4. “Personagens podem ser representados por diferentes tons de voz, adereços, teatralização, movimentos... enfim, “entrar” na história faz com que as crianças entrem também, instigando ainda mais a sua imaginação, trazendo ainda mais aprendizagens.”

#### **Apêndices L: Respostas da professora 12**

1. “A contação de histórias é um momento para contar histórias para as pessoas, sejam crianças, adultos, idosos. Envolve livros ou histórias orais ou visuais.”

2. “Em atividades planejadas com livros selecionados pela professora e/ou não planejadas, quando as crianças pedem que conte sobre algum livro ou fazem alguma pergunta.”

3. “Nos momentos planejados, utilizo principalmente livros, mas também fantoches, brinquedos, caixas, aventais, objetos.

4. “Às vezes, utilizando fantasias ou objetos, ou ainda fazendo entonações diferentes para a voz dos personagens.”

